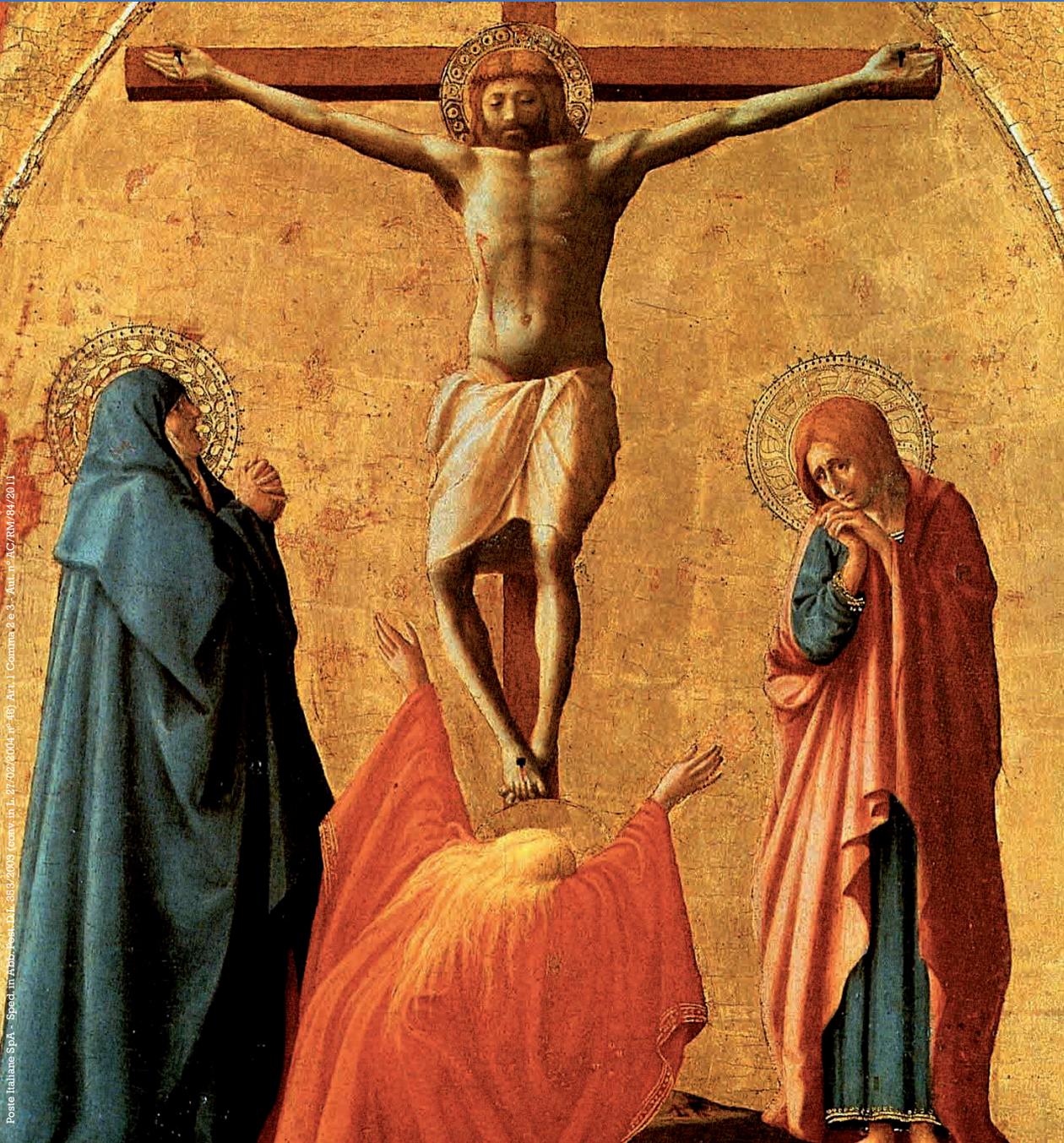
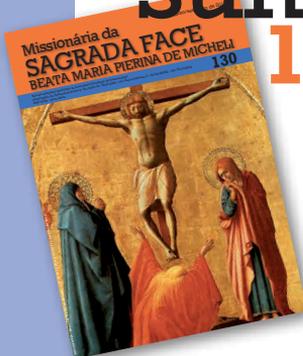


Missionária da **SAGRADA FACE** BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

Revista trimestral das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Autorização do Tribunal de Roma nº 201/2009 de 18/06/2009 – Via Asinio Pollione, 5 – 00153 ROMA – Tel. 06.5743432
ANO XXIII – Nova Série

130





3	DAS CARTAS DA BEATA <i>a Monsenhor Spirito Maria Chiappetta</i>	14
9	SANTA TERESA MARGARIDA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS <i>Padre Antonio Maria Sicari ocd</i>	16
12	SÃO CAETANO CATANOSO MISSIONÁRIO DA SAGRADA FACE <i>Paolo Rizzo</i>	
	A DEVOÇÃO À SAGRADA FACE NO VENERÁVEL LÉON PAPIIN DUPONT	
	DA CRUZ O DOM DA VIDA <i>Padre Luca di Girolamo</i>	17

Com a chegada do mês de setembro, aproximamo-nos da festa da Madre Maria Pierina. Com efeito, celebra-se a 11 do mês o aniversário do seu nascimento nesta terra. Cada ano a memória litúrgica é celebrada em todas as casas da Congregação das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires, com diferentes modalidades e tempos, de acordo com as tradições locais.

Esta celebração proporciona sempre a ocasião para refletir sobre a figura e a obra da Beata e sobre a sua missão de divulgar no mundo a devoção à Sagrada Face de Jesus. O mês de setembro facilita esta atenção particular em relação à Face de Cristo, porque no dia 14 comemora-se a festa da Exaltação da Santa Cruz. Com esta festa a Igreja celebra o triunfo da Cruz, sinal e instrumento de salvação. Esta comemoração remonta à época do imperador Constantino, quando mandou construir em Jerusalém duas basílicas: uma no monte Gólgota e a outra no lugar do Sepulcro de Cristo. A dedicação das basílicas teve lugar a 13 de setembro do ano 335. No dia seguinte foi mostrado aos fiéis o que restava do madeiro da Cruz do Senhor e explicado o significado da redenção através do sofrimento do Salvador. Teve assim origem a celebração de 14 de setembro. O uso litúrgico que coloca a Cruz junto do altar durante a celebração da Missa, pretende recordar a figura bíblica da serpente de arame que Moisés elevou no deserto. Como é narrado no livro dos Números, quando os judeus eram mordidos pelas serpentes, era suficiente olhar para

aquele símbolo para ficarem curados.

No dia seguinte à festa da Exaltação da Cruz, a 15 de setembro, a Igreja recorda a memória da Bem-Aventurada Nossa Senhora das Dores para convidar os fiéis a meditar sobre o momento decisivo da história da salvação e para venerar a Mãe associada à Paixão do Filho e ao seu lado, quando foi elevado na Cruz. Esta festa de origem devocional foi instituída por Pio VIII em 1814 em recordação dos sofrimentos infligidos por Napoleão à Igreja.

São Bernardo, num seu discurso, descreve do seguinte modo as dores de Maria: «Uma espada trespassou deveras a tua alma, ó Santa Mãe nossa! De resto não teria atingido a carne do Filho se primeiro não passasse pela alma da Mãe. Certamente depois de o teu Jesus, que era de todos, mas especialmente teu, ter expirado, a lança cruel não pôde alcançar a sua alma. Com efeito, quando, sem nem sequer respeitar a sua morte, lhe abriu o lado, já não podia causar dano algum ao teu Filho. Mas a ti, sim. A ti trespassou a alma. A sua alma já não estava lá, mas a tua não podia absolutamente separar-se. Por isso a força da dor trespassou a tua alma, e é por esta razão que te podemos chamar mais que mártir, porque em ti a participação na paixão do Filho, superou muito, por intensidade, os sofrimentos físicos do martírio».

Mais não resta que celebrar estas memórias litúrgicas com o olhar dirigido para Maria a fim de chegar com mais facilidade ao encontro com o seu Filho.

A redação

Com a aprovação do Vicariato de Roma
Diretor: Aldo Morandin
Para solicitar a vida, as imagens da Beata como sinal de graças e favores obtidos por sua intercessão, favor contactar:
Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires - Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma - Email: madrepierina@gmail.com
C/C postale 82790007
C/C Bancario: IBAN IT 34 F 02008 05012 000004059417
presso UNICREDIT BANCA
Design e layout: Lello Gitto - Foggia
Tipografia Ostiense - Roma - Via P. Matteucci, 106/c
Acabado de imprimir no mês de setembro de 2017

SANTA TERESA MARGARIDA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

NO SÉCULO ANA MARIA REDI (1747-1770)

MEMÓRIA LITÚRGICA A 1 DE SETEMBRO

A infância

Ana Maria Redi nasceu em 1747 numa nobre família aretina. O pai, Inácio, é «Bali» (ou seja, Grão Mestre) da Ordem Militar Cavaleiresca de Santo Estêvão Papa. A mãe, Camilla Ballati, pertence à nobreza de Siena: a pequena Ana Maria sente a mãe um pouco estranha, sobretudo quando a vê inclinada para uma vida despreocupada e de salão, mesmo sendo uma mulher de saúde frágil. Ao contrário, Ana Maria tem uma verdadeira paixão pelo pai, homem jovem, de vinte e sete anos, com o qual tem uma sintonia profunda e espiritual; não só porque ele brinca com ela e se ocupa da sua educação, mas sobretudo porque ele responde sempre às suas numerosas perguntas acerca de Deus e do mundo dos anjos. Foi o pai quem lhe ensinou a rezar, lhe explicou a sagrada doutrina, a fez apreciar os sacramentos, lhe fez amar a natureza e as mensagens que dela promanam.

Mas além disso, a casa de Inácio Redi tinha-se aberto à devoção do Sagrado Coração, proclamada alguns decênios antes pela monja visitandina Margari-

da Maria Alacoque, a qual dizia que tivera uma particular revelação. Na época a Igreja ainda não se tinha expressado (a beatificação da monja visitandina ocorreu um século mais tarde): a festa que hoje se celebra com tanto afeto será alargada a todo o mundo só em 1856. O coraçõzinho da menina estava totalmente repleto de amor pelo seu pai, e o pai dizia-lhe que o coração de Deus era ainda mais paterno e mais afetuoso que o seu, e lho fazia experimentar. «Jesus sabe bem – dirá mais tarde Ana Maria ao seu confessor – que eu, desde criança, nunca quis outra coisa a não ser agradecer-Lhe e tornar-me santa».

O pai como diretor espiritual



Aos nove anos – segundo o costume da época – foi confiada a um mosteiro de beneditinas para receber uma instrução adequada à sua condição social. A moça, entre os dez e os quatorze anos, escolhe como guia espiritual seu pai, com o qual «estabelece uma aliança espiritual», mantendo com ele uma densa correspondência. Inácio contará depois a admiração que sente ao ver «como o Espírito de Deus se comunicava tão profundamente com uma alma de idade tão tenra».

Quando, ele mesmo, tem que testemunhar nos processos canônicos para a beatificação daquela amada filha, falecida com apenas 22 anos, dirá: «envergonho-me, porque eu, pecador, ousei instruir uma verdadeira santa». O biógrafo comenta: «talvez seja o único caso da hagiografia cristã no qual uma jovem teve como diretor espiritual o próprio pai». Esta experiência única, muito rara, terá para Ana Maria uma dupla consequência benéfica: por um lado o pai torna-se «duplamente seu pai», por outro a moça não terá dificuldade alguma em considerar como seus verdadeiros pais os sacerdotes, aos quais em seguida se confiará no sacramento e para a direção da sua alma. E Inácio também fez a experiência, invejável para um pai, do que significa ter não só uma filha de sangue, mas também – como dizia maravilhosamente – «uma filha da alma».

A chamada ao Carmelo

Quando Ana Maria completou dezasseis anos de idade, acontece-lhe o único episódio de sua vida que tem algo de extraordinário: apresenta-se na sala de visitas do mosteiro beneditino uma jovem de Arezzo; vem para saudar as irmãs que a educaram quando era criança, e as outras colegas, porque decidiu entrar no Mosteiro Carmelita de Florença. Durante alguns minutos, naquela sala de visitas, todos falam do Carmelo, e eis que Ana Maria ouve dentro de si, claramente, uma voz que lhe diz: «Sou Teresa de Jesus e quero-te entre as minhas filhas». Emocionada afasta-se imediatamente dali e vai diante do tabernáculo e a voz interior repete-lhe ainda com mais vigor: «Sou Teresa de Jesus e digo-te que te quero entre as minhas filhas». Depois Ana Maria contará que se tinha sentido «como se lhe apertassem o coração num abraço, com um grande fogo» e que «tinha a impressão, pela alegria, de ter enlouquecido...».

Voltou para casa e esperou em afetuosa obediência completar dezasseis anos de idade: o pai dissera-lhe que antes daquela idade não queria discutir com ela de projetos vocacionais. Tinha que usar os meses que ainda faltavam rezando e refletindo e deixando-se guiar por Deus. Ana Maria procura viver silenciosamente já como uma carmelita: o que sabe com certeza é que deverá oferecer tudo, e por isso insere em seus dias e costumes sinais da sua pertença a um esposo Crucificado: pequenas e grandes renúncias que fazia no andamento normal dos

acontecimentos, algum sofrimento propositadamente procurado, e o domínio constante da própria instintividade.

No século XVIII, fazer penteados elaborados e preciosos é para as mulheres «o problema do século; mas o cabeleireiro que vem com uma certa frequência pentear as mulheres da casa Redi, observa impressionado que aquela menina – no final do seu longo trabalho – recusa o espelho que ele lhe oferece. «Obrigada, não tem importância», responde Aninha.

Finalmente Ana Maria pode decidir da sua vida, mas o pai exige que a filha seja primeiro examinada por três doutos e santos eclesiásticos, entre os quais o Padre provincial dos Carmelitas. Ele – homem particularmente severo – descreve-lhe os rigores da vida carmelita com tons tão fortes que qualquer pessoa se teria assustado. Mas parecia que Ana Maria desejava precisamente aquela dedicação radical. O Provincial referiu às monjas que nunca tinha encontrado uma jovem como ela: parecia que Santa Teresa de Ávila a tivesse preparado com as suas próprias mãos. Na carta que ela escreveu ao Carmelo, para pedir a admissão, usou uma expressão que parece antecipar tudo o que depois lhe deverá acontecer: disse que queria «competir com aquelas boas irmãs no amor a Deus».

No mosteiro de Santa

Teresa em Florença

No mosteiro em que a jovem pediu para ingressar, vivia uma comunidade já bastante envelhecida, na qual não tinham entrado noviças havia mais de vinte anos. Quando Ana Maria se apresentou à porta do mosteiro, a Priora e as suas quatro conselheiras têm todas mais de setenta e dois anos. Na prática, 10 monjas são muito idosas e muito doentes, e das dez em idade juvenil (por volta dos trinta anos) uma está para adoecer de maneira ainda mais grave e destrutiva que as outras. Quatro são noviças da mesma idade da nossa Santa.

Quis chamar-se Teresa Margarida do Sagrado Coração de Jesus: Teresa, como a contemplativa de Ávila; Margarida como a monja visitandina que tinha pedido aos cristãos para restituir «amor por amor» ao coração trespassado do Filho de Deus. Disse imediatamente, com absoluta sinceridade, que «não teria mudado o seu estado com o mais feliz do mundo, porque se encontrava no Paraíso», e acrescentou que «para ela era uma graça ter ido servir aqueles anjos». Procurou antes de mais esconder-se na humildade para se deixar olhar somente pelo seu Esposo Divino, e vibrava de alegria àquela advertência de São Paulo, dirigida aos primeiros cristãos: «A vossa vida está escondida com Cristo, em Deus». Num dos raros textos que ela nos deixou, lemos esta oração: «Meu Deus... agora e para sem-

pre eu pretendo encerrar-me no vosso amabilíssimo coração, como num deserto, para nele conduzir contigo, para ti, em ti, uma vida escondida de amor e sacrifícios».

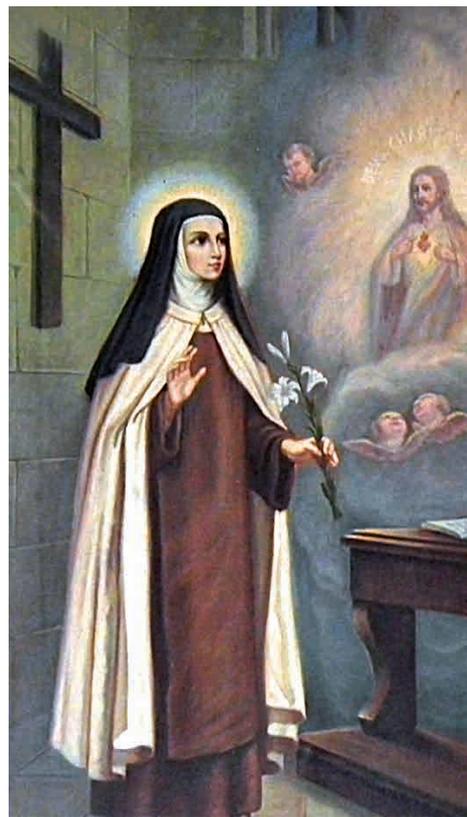
No mosteiro de Florença, a Mestra do noviciado tinha na época 78 anos: era deveras uma educadora excepcional, mas além de ser idosa estava também muito doente. Teresa Margarida foi escolhida pela Priora para assistir a Mestra como enfermeira. Acontecia que a Mestra, não obstante sentisse uma ternura infinita pela sua generosa noviça-enfermeira, não lhe desculpassem nada: nenhum erro, nenhuma distração, nenhum esquecimento. Procurava propositadamente pretextos para a corrigir. Teresa Margarida multiplicava os seus cuidados e as suas atenções, conservando no coração e nos seus lábios uma exclamação de adoração que aprendera das antigas tradições da Ordem Carmelita. Repetia consigo mesma: «Hic est Christus meus»: «é o meu Cristo» que fala comigo, que me corrige, que me exorta, que é exigente com o meu amor. Por vezes, alguma monja dizia à Mestra que aquele seu rigor era deveras excessivo, mas a idosa educadora respondia: «Não o faria se não confiasse nela».

Foi assim que Teresa Margarida viveu o seu noviciado: por um lado absorvia o ritmo normal da vida monástica, e por outro aprendia a conhecer Deus,

o seu amor, a sua vontade, as doutrinas espirituais naquele sublime encontro entre duas almas grandes (a sua e a da Madre e Mestra) que a nada se eximiam. No desígnio de Deus aquela situação tão particular devia preparar a jovem monja para uma vocação específica.

Ao serviço dos membros sofreadores de Cristo

Na tradição carmelita Teresa Margarida permanecerá como «a santa enfermeira», título bastante original para uma Ordem que se dedica exclusivamente à vida contemplativa. Por um lado ela devia dar à Igreja o exemplo de



como se podem amalgamar entre si a experiência contemplativa mais completa com a mais extenuante dedicação ativa aos membros sofredores de Cristo; por outro, tinha que se imergir num drama místico do qual veremos mais adiante a profundidade inaudita.

Antes de mais, devemos dizer que Teresa Margarida foi uma enfermeira voluntária: tinha entrado no Carmelo unicamente para procurar Deus, e Deus decidiu manifestar-se a ela naquelas irmãs idosas que adoeciam uma depois da outra, e das quais ela pedia espontaneamente para se ocupar.

Um mosteiro carmelita – no qual as monjas não podem ser mais que vinte – é um pequeno mundo no qual as responsabilidades e as tarefas são cuidadosamente distribuídas de maneira que tudo avance de modo harmonioso e eficiente. Se alguma adoecer as demais têm que assumir não só o peso da assistência necessária, mas também as tarefas que a doente não pode continuar a desempenhar. Por isso, não é difícil imaginar o que acontece no mosteiro de Teresa Margarida naquele ano, em que mais de dez monjas adoeceram simultaneamente de maneira grave: ela assumiu o peso da assistência a todas as enfermas, com tanta naturalidade que as outras acabaram por a considerar uma coisa normal. De fato, para ela isso significava a renúncia a possíveis momentos de tempo livre.

Confia cada uma nas mãos de Deus

Havia uma religiosa já com oitenta anos que a doença tinha tornado sombria e irritável. Teresa Margarida cuidava dela com tal dedicação que suscitava na velhinha muita satisfação, e dizia que nunca encontrara uma enfermeira como ela. A comunidade deu-se conta que a doente se tinha tornado tão alegre que a Mestra perguntou à jovem como fizera para obter aquele resultado: Teresa respondeu com simplicidade que, sabendo que a doente era incontentável, «a tinha colocado nas mãos de Deus e recomendado todos os cuidados a Maria Santíssima».

Um dia no refeitório, deserto, tinha ficado uma monja dorida que cortava o seu simples alimento sem o conseguir mastigar por causa de uma terrível dor de dentes que a atormentava. Teresa Margarida, que serviu à mesa e é a única que ainda está ali, aproximou-se dela, olhou para ela com compaixão; no Carmelo vigora a regra do silêncio, mas parece que ela a esquece: «Pobrezinha – diz-lhe – ela sofre e por isso não consegue comer». Em seguida, de repente inclina-se e dá-lhe um beijo na face doente. A idosa sente uma dor muito forte mas que imediatamente desaparece, para sempre. Viverá ainda muitos anos, mas nunca mais sofre daquele mal. O acontecimento causa tanta admiração que se fala dele até fora do mosteiro, mas Teresa Margarida sente-se muito perturbada porque faltou duas vezes à regra: falando em tempo de silêncio e cedendo a uma manifestação afetuosa incomum no

claustro, e portanto pede perdão à Priora.

Outra idosa enferma é notoriamente surda, a ponto que nem sequer se entende com o confessor, e tem um fio de voz. Também ela só quer a assistência da Irmã Teresa Margarida. E com a enfermeira discorre tranquilamente, e sem nem sequer usar a corneta acústica. Não só, mas quando Teresa Margarida está distante, assistindo outras doentes, e a velhinha a chama com voz muito débil, ela ouve-a e de longe responde sem levantar a voz, e a pobre surda ouve-a e tranquiliza-se. Quando, por fim, chegou a sua vez, deixa que cuidem de todas as suas necessidades e pede à Santa: «E agora falas-me de Jesus!». Um dia, sem que elas o saibam, encontra-se no quarto ao lado o sacerdote que veio trazer a comunhão à enferma. Pediram-lhe de propósito que esperasse para que pudesse ouvir: Teresa Margarida sugere à enferma atos de fé e de abandono a Deus, exorta-a a oferecer-lhe todos os sofrimentos, e sobretudo faz-lhe repetir atos de amor e de esperança. «Tinha que me esforçar para não chorar» contou depois o sacerdote; e acrescentou que muitos sacerdotes deveriam aprender dela como assistir os doentes e os moribundos.

Restituir amor por amor

O pouco tempo que lhe restava consistia em comer apressadamente alguma

coisa (quando era possível) e dedicar-se à oração e à relação pessoal com Deus. Mas tudo isto escondia um drama místico cuja profundidade nunca entenderemos. Trata-se do seguinte: Teresa Margarida tinha extraído da sua devoção ao Sagrado Coração uma norma de comportamento cristão que ela expressava impetuosamente assim: «é preciso restituir amor por amor». E dado que Jesus nos amou sofrendo por nós, nós devemos querer sofrer por Ele. Não se tratava de inventar nada de novo; as doentes da comunidade concretizavam para ela estes dois movimentos de amor e de cruz: eram para ela a imagem de Cristo que sofria, e ela, para O amar, tinha que carregar com alegria o fardo pesadíssimo do serviço. Dizia: «Ele na Cruz por mim, eu na cruz por Ele». Era este o ideal ao qual se consagrara para sempre. O confessor de Teresa Margarida a via crescer neste amor divino como se um incêndio interior a queimasse toda, até quando pareceu que tocou a substância íntima daquele fogo. A jovem tinha apenas vinte anos.

Um domingo, no coro, durante a liturgia, ressoaram as palavras latinas: «Deus Charitas est, et qui manet in charitate in Deo manet et Deus in eo» («Deus é Amor. Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele»). Certamente Teresa Margarida tinha ouvido com frequência estas palavras, mas daquela vez

sentiu-se como possuída: durante alguns dias ficou como que estupefata, viam-na mover os lábios e compreendiam que repetia aquelas palavras como para as saborear repetidamente. Chamaram o confessor, temendo que se tratasse de uma crise histérica. Depois de a ter ouvido longamente, no segredo da Confissão, ele limitou-se a dizer às monjas: «Gostaria que todas vós tivésseis a doença da Irmã Teresa Margarida». Quando depois ela se consegue explicar, dirá que o pensamento de «viver na vida de Deus» e que «Deus vivia nela», e que «havia uma só vida, uma só caridade, um só Deus!» – um pensamento como este – lhe tinha causado uma alegria indescritível, a ponto de não ter espaço para mais nada.

A noite escura

E aqui começa o drama: a partir deste mesmo momento no qual parecia que se tinha aproximado do próprio coração da Divindade, Deus priva-a de qualquer «sensação de amor»: sente ainda um desejo ilimitado de amar Deus, mas como de alguma coisa da qual está totalmente privada: sente-se muito distante daquilo que é amor, infinitamente indigna. Ela não ama Deus, nunca o amou: e é um choro irreprimível, como se toda a sua vida se concentrasse na angústia de estar privada de Deus. Os peritos de experiências místicas sabem do que se trata. Permitindo esta terrível experiência, Deus estabelece duas finalidades (de altíssimo amor). Por um lado, ele priva a criatura de qualquer vestígio de egoísmo. «Muitos – explicava São Francisco de Sales – em vez de amar Deus para Lhe agradecer, amam-no pelas consolações que sentem no seu santo Amor... Em vez de serem “amados de Deus”, tornam-se amantes do amor que ele trouxe...». O caminho místico leva ao centro da noite mais escura, porque só ali é possível ver o Sol surgir em toda a sua gratuidade esplendorosa.

A segunda finalidade que Deus estabelece é explicar às almas que mais o amam (e que Ele mais ama) um dos seus profundos mistérios: que Ele «dá o impulso» aos seus eleitos – como fez com o seu Filho – para que alcancem os desorientados e os desesperados, partilhem as suas angústias: feitos semelhantes a eles em tudo, exceto no pecado. E de maneira que, quanto mais parecem privados de amor, até em substituição de quem dele está deveras privado, amem infinitamente.

Como enfrentou uma tal provação esta jovem de vinte anos? Teresa Margarida decidiu entregar-se totalmente ao único amor que para ela era possível: sabendo por fé que Deus uniu os dois grandes mandamentos (a caridade para com Ele e a caridade para com o próximo) decidiu amar o seu próximo – aquelas doentes que estavam ali, diante dela, e pediam para ser amadas – e amá-lo divinamente.

Foi-lhe concedida também a última atormentadora experiência, quando uma das irmãs de hábito mais jovem adoeceu de demência precoce, com crises periódicas de

violência. Teresa Margarida ofereceu-se voluntariamente, pedindo para poder ajudar nos momentos mais difíceis, até que, a pouco e pouco, também aquele peso árduo, ficou totalmente sobre os seus ombros. Teresa Margarida, antes de entrar na cela da doente, ajoelhava-se alguns instantes diante de uma imagem da Santíssima Virgem, que estava ao lado, e recomendava-a a ela. E pedia coragem. Depois estava pronta para aceitar tudo: gritaria, insultos furiosos, ter que ir aqui e ali, quase sem tempo para respirar, procurando contentá-la na medida que dependia dela... e nunca deu o mínimo sinal de cansaço ou de incômodo.

Uma vez aconteceu que ela teve que fugir depressa porque a louca tinha procurado bater-lhe: refugiou-se a tremer de medo no quarto de uma irmã de hábito e desabafou: «Não aguento mais!». À noite pediu perdão à comunidade pelo escândalo que deu, como se tivesse cometido um pecado grave. «Evitava qualquer ocasião de ser por nós compadecida», testemunharam as irmãs. Contudo, todas sabiam que o seu caráter era «vivaz e ativo»: nos primeiros tempos da vida monástica viram-na muitas vezes corar muito pelo esforço de se dominar face a alguma contrariedade.

Mas agora ardia dentro, por aquele amor que queria demonstrar a toda a custa ao seu Deus, que parecia esconder-se, mas que na realidade estava tão presente no sofrimento extremo de uma irmã privada do maior bem.

Consumida pelo amor de Deus

Tinha apenas vinte e dois anos. Não obstante levasse uma vida de fadigas e de sacrifícios, parecia que a saúde não estivesse prejudicada, aliás, parecia que a sua força aumentava de dia para dia. Mas uma noite, quando vai fazer o habitual controle das doentes, um violento ataque de dores a faz dobrar até ao chão. Acorrem as irmãs de hábito que a ajudam a deitar-se sobre o seu enxergão. Enquanto esperam o médico, Teresa Margarida pede que todas recitem com ela cinco Gloria Patri em honra do Sagrado Coração. O médico não dá muita importância ao que aconteceu. Na realidade ela foi atingida por peritonite, e já está em gangrena. Aperta entre as mãos um crucifixo e beija-o prolongadamente com indizível ternura. Ninguém se apercebe que está a morrer. À tarde, de repente teve um desmaio. Conseguem dar-lhe os últimos sacramentos mas no último momento, quando talvez já está morta.

No dia seguinte tiveram lugar as exéquias. À noite o corpo foi levado para o subterrâneo do mosteiro – segundo o costume da época – para uma sepultura rápida. Mas eis que o corpo, contra qualquer previsão, se tornou belo, jovem, como se estivesse vivo. À sepultura foi suspensa, à espera que o Arcebispo decidisse o que fazer. Entretanto no subterrâneo expande-se continuamente um extraordinário perfume que todos podem sentir. Quando o Arcebispo chegou, depois de dezasseis dias,

acompanhado por quatro médicos, encontra «o corpo todo flexível, os olhos úmidos, a cor de alguém que está perfeitamente sadia, inclusivamente a planta do pé estava vermelha como se tivesse caminhado até àquele momento, em suma, parece que dorme...».

«Como se tivesse caminhado muito...»: com efeito tinha sido uma contemplativa sempre a caminho nos longos corredores do mosteiro, para socorrer as suas doentes. E tinha pedido a Deus precisamente esta graça: «morrer enfermeira». Àquele corpo ainda hoje está incorrupto. E as monjas, desde a primeira liturgia fúnebre, quase sem se darem conta, não cantaram a «Missa para os defuntos», mas a «das Santas Virgens». Em casa da família Redi, o pai Inácio recebeu como recordação o Crucifixo que a filha tinha entre as mãos quando faleceu. E também daquele Crucifixo, exatamente da chaga do lado, emanava o mesmo perfume intenso. E ele sentia o perfume pela primeira vez, porque durante toda a sua vida tinha sido privado do sentido olfativo. Tratava-se de um pequeno milagre, um pequeno dom que Aninha fazia àquele que a tinha educado na fé.

Foi proclamada Santa pelo Beato Pio IX a 19 de março de 1934.

Padre Antonio Maria Sicari ocd

(tirado de

Reflexos de Deus

Os Santos do Carmelo,

Edições Ocd, Roma 2009).

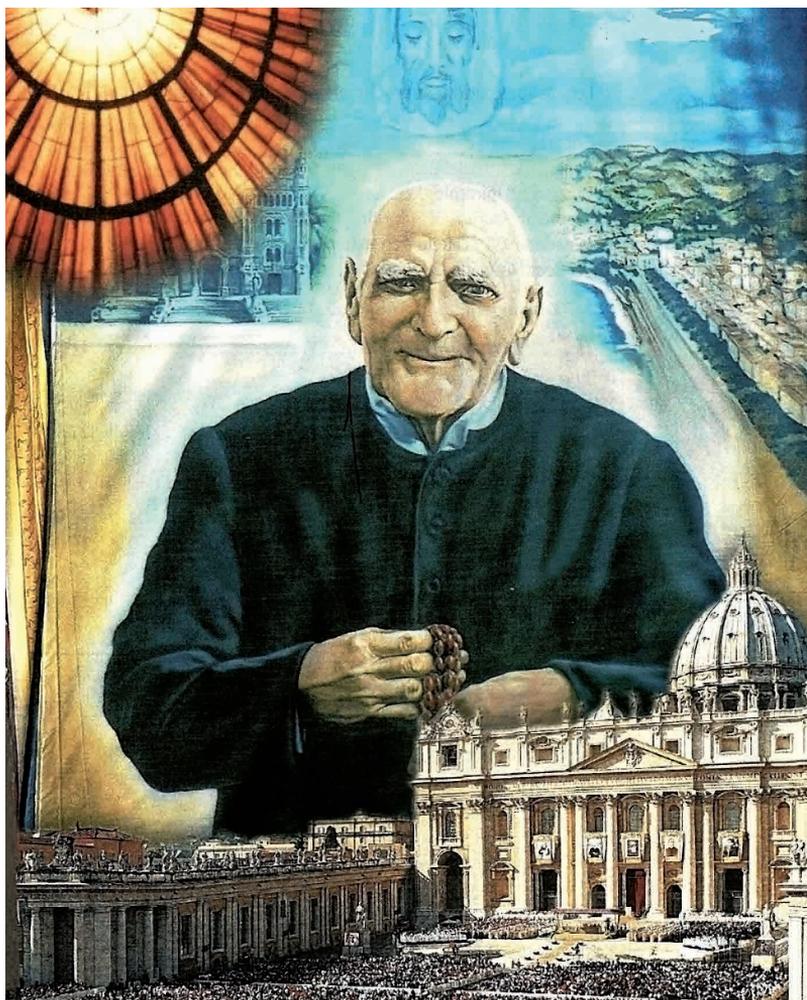
SÃO CAETANO, CATANOSO (1879-1963) MISSIONÁRIO DA SAGRADA FACE

A estrada que de Chorio leva a Régio da Calábria, em 1889, era longa e acidentada. O pai Antônio partira cedo de casa para acompanhar o filho Caetano, de dez anos, ao Seminário, mas a um certo ponto o menino não aguentava mais. Colocou-o na cesta e carregou-o no dorso do burro. Ao fim da tarde finalmente chegaram ao destino. Caetano disse: «Vim para me tornar sacerdote». Só por Jesus se podem viver aventuras como esta: de saúde frágil, mas de coração fervoroso pelo seu ideal, começou a dedicar-se com seriedade, a crescer no amor a Deus e ao próximo. De vez em quando ia visitar a família para restabelecer a saúde, mas para ele era impossível desanimar.

Aos 16 anos, tendo já vestido o hábito talar, proferiu a primeira pregação ao povo da sua terra natal, fazendo admirar todos pelo fervor com que falou de Jesus presente no Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora. «Foi um episódio muito belo, uma antecipação da minha futura missão sacerdotal», dirá um dia.

Caetano Catanoso nasceu em Chorio de São Lourenço (Régio da Calábria),

a 4 de fevereiro de 1879. Os seus pais eram fazendeiros e tinham chamado colonos para trabalhar nas suas terras. O jovem cresceu numa família rica de fé e de filhos. Mas no Seminário os superiores receiam que ele não chegue ao altar, mas ele, fazendo admirar todos, cresce de modo brilhante e dirá de si mesmo: «O burro conseguiu». Foi



ordenado sacerdote em Régio da Calábria a 20 de setembro de 1902. Naquele dia sente-se tão feliz que exclama: «Parentes e amigos, que viestes participar na minha festa, rezaí ao Coração de Jesus para que me torne Santo». Jura que nunca cometerá pecado algum nem mortal nem venial deliberado e que estará na presença de Deus em cada instante da sua vida. Em 1904, com apenas 25 anos, vai como pároco para Pentadattilo, um pequeno burgo no Aspromonte, onde permanecerá até 1921. É um apaixonado de Deus e passa grande parte do seu tempo, na igreja, em adoração a Jesus Eucaristia, depois de ter celebrado todas as manhãs a Santa Missa, centro de seu dia e de sua vida, como um anjo. Confessa por muito tempo todos os dias, e depressa se revela um ótimo diretor espiritual: não vêm ao seu confessionário apenas os paroquianos, mas muitas pessoas dos arredores e de lugares distantes, e também muitos irmãos sacerdotes.

Dedica-se com amor de pai ao seu povo, às crianças e jovens, aos idosos e doentes, aos mais pobres. Instrui os jovens com uma escola noturna gratuita, chama os seus fiéis a participar na Santa Missa, de maneira consciente e fervorosa. É enviado a pregar missões e a confessar noutras paróquias da diocese e fora dela. Torna-se o guia de muitos sacerdotes e religiosos, religiosas e almas consagradas.

No silêncio da sua Igreja, o Padre Caetano amadurece uma grande missão. Em 1915, quando já goza da fama de santidade, começou a imprimir um periódico para os consagrados, sem excluir nenhum: A hora eucarística sacerdotal. Em 1918 encontra o Padre Luís Orione, que em 1908 se tinha distinguido pela sua obra de caridade durante o terremoto de Messina e de Régio da Calábria, e inflama-se de novo zelo apostólico.

Aproxima-se a sua «hora». Em agosto de 1843, em Roma, Gregório XVI tinha instituído a Confraria da Sagrada Face de Jesus, para reparar as ofensas contra Ele, sobretudo a blasfêmia. No mesmo mês, no Carmelo de Tours, na França, Jesus revelava-se à humilde porteira, Irmã Maria de São Pedro: «O meu Coração é blasfemado em toda a parte: até as crianças blasfemam. Com a blasfêmia o pecador me maldiz na cara, agride-me abertamente e pronuncia ele mesmo o seu juízo e a sua condenação. Eu procuro Verônicas que enxuguem a minha Face Divina, pois ela tem poucos adoradores». Assim a 27 de outubro de 1845, nascia em Tours o movimento da reparação da Sagrada Face de Jesus. O padre Caetano conheceu o movimento e em 1918 inscreveu-se na irmandade dos Missionários da Sagrada Face em Tours. No ano seguinte erigiu, na sua paróquia, a Confraria da Sagrada Face: «Nos unamos na devoção

à Sagrada Face, para reparar os nossos pecados, em primeiro lugar a blasfêmia e a profanação da festa, pela conversão dos pecadores. Queremos nos tornar almas reparadoras, contribuir para o triunfo da Igreja, participar nas recompensas sublimes prometidas por Nosso Senhor».

A partir de 1921 é pároco de Santa Maria da Purificação em Régio da Calábria. Na sua paróquia, realiza um centro irradiante de vida eucarística, divulgando com todos os meios o amor à Sagrada Face de Jesus, adorada na Santíssima Eucaristia, sua presença real e sacrifício ao Pai, servido nos irmãos mais pobres. Prossegue sua itinerância de pregador para a diocese e para a Calábria.

À sua volta surge uma vasta irmandade de almas. É capelão das prisões e do hospital de Régio da Calábria, diretor espiritual do Seminário diocesano, depois cônego penitenciário na catedral. Nas suas pregações na região do Aspromonte, encontra numerosos jovens que não podem concretizar sua vocação sacerdotal por não terem possibilidades econômicas: o Padre Caetano, desde 1921, faz nascer a Obra vocacional para os clérigos pobres e conduz muitos ao sacerdócio. Ao mesmo tempo, projeta outra grande obra.

Em 1934, com a saúde já debilitada, mas indomável no seu amor a Deus e no seu zelo pela salva-

ção das almas, funda uma Família religiosa votada à oração reparadora, à evangelização e à assistência à infância, à juventude e aos idosos, alcançando aldeias perdidas no meio dos montes, sem estradas e abandonadas sob todos os aspetos. Nascem assim as Irmãs Verônicas da Sagrada Face, para que, «como a Verônica que enxugou a Face chagada de Jesus no caminho do Calvário, elas O adorem e O amem perdidamente na Eucaristia e enxuguem as Suas lágrimas e as chagas nos mais pobres e mais abandonados».

Agora todos o chamam pai: é deveras o pai das almas, dos sacerdotes, dos consagrados e dos pecadores. Leem com atenção o seu boletim A Sagrada Face, no qual aprendem a sua espiritualidade e o seu estilo de vida. Ouvem a sua pregação simples e fervorosa. Encontram conforto e coragem na sua afeição a Nossa Senhora, por ele amada e seguida sobretudo na mensagem por ela revelada em La Salette, em 1846, com o convite forte à conversão do pecado, à reparação dos pecados da humanidade, ao retorno contínuo a Deus.

Também os seus Arcebispos, começando pelo que o ordenou até Dom Giovanni Ferro, que chegou à diocese em 1950, olham para ele com admiração e veneração, como guia e pai amável e influente: será Dom Ferro quem aprova, a 25 de março de 1958, as Irmãs Verônicas e aceita

o último projeto do padre Caetano: a construção do Santuário da Sagrada Face que se deverá tornar, segundo as suas palavras, «o centro da adoração perpétua e da reparação contra a blasfêmia e a profanação da festa».

A sua pregação e os seus escritos são um mar de luz e de amor mais esplendoroso do que o mar que circunda a terra. «Se quisermos adorar a Sagrada Face de Jesus e não só a sua imagem, encontramos esta Face na Divina Eucaristia, onde com o Corpo e Sangue de Jesus se esconde, sob o véu branco da Hóstia sagrada, a Face de Nosso Senhor». «Não deixeis passar um dia sem ter falado da Sagrada Face. Fazei compreender o dever da reparação e a vossa palavra seja como o fermento que faz levedar a massa».

«Amai Jesus sacramentado. Nunca o esqueçais. Não o deixeis sozinho no Tabernáculo, ide visitá-lo. A imagem de Nosso Senhor não é como a imagem de um Santo, mas é a realidade: Jesus Sacramentado vivo em Corpo, Sangue, alma e divindade. Ide, falai com Jesus, conversai com Jesus, vivei de Jesus, consolai Jesus, fazei tudo com Jesus, e assim levareis Jesus às almas».

«Rezai a Nossa Senhora. Quando Nossa Senhora se quer manifestar aflita e amargurada, aparece sempre com o Rosário nas mãos. Não esqueçais Lourdes, La Salette, Fátima. Nossa Senhora fala também de

grandes castigos e pede orações e penitência. Consolemos o Coração da Mãe. Amai Nossa Senhora e na vossa vida sereis felizes».

Na sua longa existência nunca faltaram as dificuldades nem as humilhações, mas ampara-o uma fé heroica no Senhor Jesus, cada dia mais amado e vivido, até à identificação com Ele: «Não desanimeis, o Senhor nos ama tanto, os sofrimentos passam, o prêmio para o Céu permanece. Coragem e em frente no Senhor».

O padre Caetano vai ao encontro de Deus ao amanhecer do dia 4 de abril de 1963, quinta-feira da Paixão do Senhor. Quem o conhece o define uma luz que brilhava, a bondade feita pessoa, um tabernáculo vivente de Deus, um templo palpitante de Deus. «Via-o sempre com o Rosário na mão», dirá dele o seu Arcebispo Dom Ferro.

A sua fama de santidade propaga-se, confirmada por uma prodigiosa cura de uma das suas Religiosas, ocorrida no mesmo dia da sua morte. A 4 de maio de 1997, João Paulo II o inscreveu entre os Beatos e Bento XVI em 2005 o canonizou. O menino que partiu em cima do burro para se fazer sacerdote, alcançou a glória dos altares e uma extraordinária irradiação de verdade e de luz sobre o nosso tempo: também hoje, mais que nunca, estamos sedentos de Deus e procuramos a Sagrada Face de Jesus, seu Filho, nosso Salvador.

Paolo Risso

A DEVOÇÃO À SAGRADA FACE NO VENERÁVEL LÉON PAPIN DUPONT

O Senhor Léon Papin Dupont, nasceu em 1797, numa família de origem bretã da aristocracia de Martinica.

Fez da sua primeira Comunhão uma verdadeira experiência de Deus. «Eu derramava uma torrente de lágrimas e o meu coração ficou inundado de júbilo». Esta experiência foi confirmada por uma vida de fé, esperança e caridade sempre crescente, até que, jovem esposo, perdeu a sua esposa, Carolina, falecida prematuramente oito meses depois do nascimento da sua filha Henriette.

Do o u - s e completamente a Deus dividindo a sua vida entre as preocupações por sua filha e o serviço a Deus e aos pobres. Transferiu-se definitivamente para Tours e dedicou-se a várias obras. Encontrou o túmulo de São Martinho e lutou para fazer construir uma basílica no lugar do achamento. Recebendo a imagem da Sagrada Face, fez dela o objeto da sua oração pelo mundo, pela França e pelos pecadores. O seu culto difundiu-se rapidamente no mundo. Depois da morte da filha com apenas 15 anos, consagra a sua vida a esta obra, à oração: as curas interiores e exteriores multiplicam-se, a sala do senhor Dupont torna-se um lugar de peregrinações incessantes, de milagres e de conversões. Ao mesmo tempo, difunde a adoração eucarística dia e noite em sua casa e na França. Ele próprio é um fervoroso adorador, comunga todos os dias (o

que era raro naquela época), apoia a fundação das Pequenas Irmãs dos Pobres em Tours. Atingido pela gota, acabou por se retirar a fim de se preparar para a batalha final num grande abandono, irradiando sempre uma grande paz e serenidade.

Faleceu a 18 de março de 1876.

Depois da sua morte, o culto à Sagrada Face foi aumentando cada vez mais. O seu salão foi transformado em oratório. As curas e as conversões continuam. A Igreja reconheceu as virtudes heroicas em 1983, declarando-o venerável.

Entre as obras de zelo e de caridade com as quais o senhor Dupont encheu a sua vida, um modelo ilustre é o seu pensamento continuamente dirigido, tan-

to nas preces eucarísticas como nas adorações noturnas, a um projeto que muito o preocupava: a reconstrução da célebre basílica de São Martinho que a revolução tinha destruído. Quando Dupont se transferiu para Tours, em 1834, o culto a São Martinho tinha caído quase completamente em desuso. Uma atração secreta o atraía todos os dias à esquina da Rua Descartes com a Rua Saint Martin, onde parava para rezar. Na época poucas pessoas em Tours partilhavam a devoção ao padroeiro da cidade, e muito menos pensavam em reconstruir a igreja a ele dedicada. Por outro lado, a estrada passava precisamente no lugar onde se



Missionária da
SAGRADA FACE
BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

130

encontrava o túmulo e era muito difícil fazer alguma coisa. Em novembro de 1848, graças a Dupont, o padroeiro começou a ser celebrado na catedral.

Em 1856 o senhor Dupont e os membros da comissão do vestiário de São Martinho pediram ao Arcebispo para poder escrever a Pio IX, a fim de obter a sua bênção em relação ao projeto de reconstruir a basílica dedicada ao Santo. Pio IX, com grande alegria de todos, concedeu a sua bênção ao projeto.

Foram compradas ca-



A Sagrada Face de Nosso Senhor "Jhesucrist" representado no véu da Verônica (Basílica de São Pedro, Roma)

sas que tinham sido construídas sobre o túmulo do Santo e feitas escavações para encontrar o ponto exato da sepultura. A 14 de dezembro de 1860 os operários encontraram uma cavidade na qual tinham sido colocadas as cinzas de São Martinho. O senhor Dupont anunciou aos fiéis que o túmulo tinha sido encontrado. Imediatamente foi cantado o Magnificat.

Depois de setenta anos de esquecimento, os despojos mortais do Santo foram encontrados graças ao zelo do Venerável Dupont.

CRONOLOGIA DA VIDA DO SENHOR DUPONT

24 de janeiro de 1797	Nascimento de Léon Papin Dupont
6 de março de 1797	Batismo
1809	Primeira Comunhão
1820	Primeira conversão
9 de maio de 1828	Matrimônio com Caroline d'Audiffredy
4 de dezembro de 1832	Nascimento de Henriette
1 de agosto de 1833	Morte de sua esposa
1834	Transferência para Tours
1837	Segunda conversão
1 de julho de 1839	Membro da Conferência de São Vicente de Paulo
1844	Entra em relação com as Pequenas Irmãs dos Pobres
15 de dezembro de 1847	Falecimento de Henriette
2 de fevereiro de 1849	Início da adoração noturna em Tours
Quarta-feira santa de 1851	A Sagrada Face é colocada no quarto do senhor Dupont
1855	Início da devoção e do culto à Sagrada Face
14 de dezembro de 1860	Descoberta do túmulo de São Martinho
18 de março de 1876	Falecimento
29 de junho de 1876	Bênção do Oratório
1 de março de 1983	É reconhecido venerável

DAS CARTAS DA BEATA A MONSENHOR SPIRITO MARIA CHIAPETTA



Centonara, 27-9-935

Rev.mo Monsenhor

Hoje é o aniversário da nossa venerada Reverenda Madre Estanislada, que há seis anos voou para o Paraíso!... Quantas recordações! Esperamos que lá do céu se recorde de nós que temos tantas necessidades! Aqui o tempo continua maravilhoso!

Ontem rezamos tanto a Nossa Senhora da Bocciola por V.R. E também no Santuário de Orta. Às quatro apanhamos o barco para regressar e às 6 estávamos em casa. Hoje vamos à missa em Alzo. A nossa pobre oração continuará com maior intensidade, desejosas de lhe poder obter de Jesus tantas graças.

Ir. M.P.

Centonara, 1-10-935

Venerado Monsenhor

Viva Jesus e a Sua Santíssima Vontade! Sempre, em tudo!... com amor! Vê como sou distraída... queria substituir a folha por respeito, mas depois preferi que visse a minha distração. Acabei de receber a sua carta e regozijo-me pela boa viagem. Sábado recebi todas as notícias da Irmã M. Leonia que partiu ontem à noite, tendo que estar em Milão na manhã de segunda-feira para compromissos. Soube que a Irmã M. Teresa se sentiu mal, e estou ansiosa de saber o que disse o médico. Seja feita a Vontade Divina! Reze para que lhe seja concedida uma generosa resignação!

Eu estou bem, muito bem. Estou a viajar e descontraio-me. Sinto escrúpulo de fazer tantas férias. Esperemos que o Senhor seja misericordioso comigo.

Esta manhã tivemos a Missa em Centonara. Agora não nos podemos lamentar, porque o pároco é bastante pontual. Recomendo-lhe que repouse à noite, e que se alimente. Esteja alegre no Senhor.

V.M.I. 9-12-935

Venerado Monsenhor

Viva Jesus!

Obrigada pela carta. Estava deveras preocupada, por não ter notícias. Ontem foi a nossa festa, tudo correu bem e rezamos muito por V.R. Esta manhã celebrou Mons. Cavazzali com muita pompa. Está a fazer tanto frio, mas é bonito. Todas nós estamos bem de saúde. Eu melhor que os demais.

Não duvide que continuaremos com maior fervor as nossas preces para que tudo se resolva da melhor maneira possível. Estamos num mísero vale de pranto!... Olhamos para o Paraíso, para ter a coragem de caminhar!



Missionária da
SAGRADA FACE
 BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

130

Tudo passa!... que alegria! Só o sofrimento generosamente aceite é avaliado de grande valor para a Eternidade! Que conforto, não é? Reze, pois eu não sei praticar o que digo...mas gostaria que se tornasse em mim realidade.

Ganhe coragem e confiemos!... Amanhã em Pádua, rezarei ao santo por si, e o Monseñor recorde-nos a Jesus.

Todas as irmãs o reverenciam e desejam uma bênção especial.

A sua sempre grata Ir. M. Pierina
 Desculpe os rabiscos.

1936

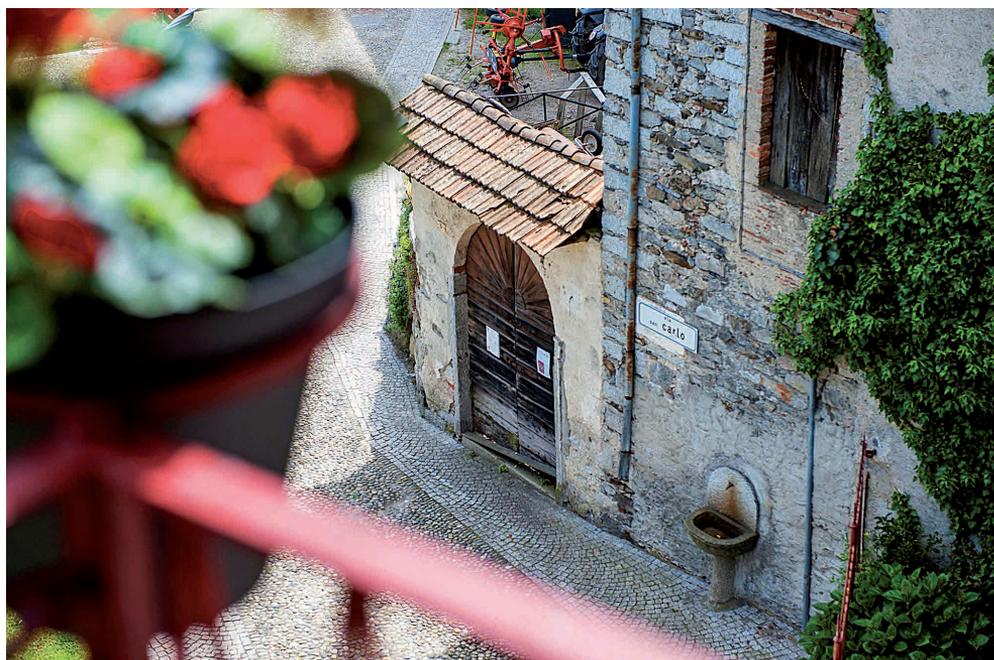
Reverendíssimo Monsenhor
 Viva Jesus!

Recebo agora a sua, e não compreendo o que pretende dizer em relação à Construção. Eu sempre lhe disse para obter as autorizações e quando me disser que verdadeiramente, realmente se pode iniciar a construção, elaboraremos os novos contratos, e entretanto eu terei a aprovação. Nunca lhe disse que não queremos começar. Quero ter a certeza de poder começar, dado que já fizemos tantas. Também uma carta da senhora Maria me incomodou bastante, porque parece que somos nós que não queremos construir? Mas



se nunca nem sequer atualmente, obtivemos a autorização? Pelo menos a mim não consta. Em relação a ir a Milão decida livremente. Eu não escrevi, porque não tenho novidade alguma e prometi ao Senhor que não escrevo a ninguém sem uma verdadeira necessidade, porque não quero, quando morrer, ter que prestar contas disso. Já tenho tantos! De saúde estou muito bem, a Irmã Leonia voltou.

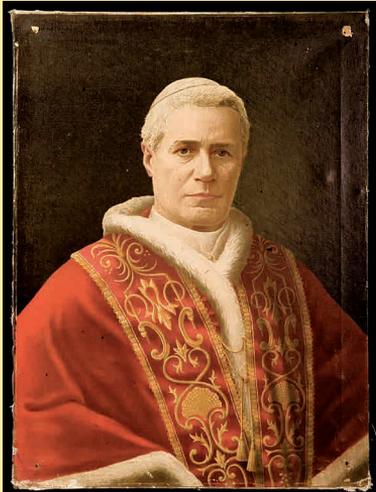
Portanto o resto pessoalmente.
 Abençoe-nos.
Dev.ma Ir. M. Pierina



Invocações à Sagrada Face

Face adorável, Face admirável, Face amável, *tem piedade de nós.*
 Face benigna, Face benéfica, Face belíssima, *tem piedade de nós.*
 Face clemente, Face consoladora, Face caríssima, *tem piedade de nós.*
 Face divina, Face dileta, Face dulcíssima, *tem piedade de nós.*
 Face eleita, Face eucarística, Face eloquentíssima, *tem piedade de nós.*
 Face fiel, Face flamejante, Face resplendorosíssima, *tem piedade de nós.*
 Face graciosa, Face generosa, Face

gloriosa, *tem piedade de nós.*
 Face inspirada, Face imperturbada, Face ilibada, *tem piedade de nós.*
 Face graciosa, Face rejubilante, Face luminosíssima, *tem piedade de nós.*
 Face modesta, Face majestosa, Face admirável, *tem piedade de nós.*
 Face ultrajada, Face honrada, Face respeitossíssima, *tem piedade de nós.*
 Face piedosa, Face pacífica, Face preciosíssima, *tem piedade de nós.*
 Face terrível, Face taumaturga, Face terníssima, *tem piedade de nós.*
 Senhor, mostra-nos a tua Face e seremos salvos.

Oração de São Pio X à Sagrada Face (1903-1914)

Ó Jesus, que na vossa amarga paixão vos tornas-te o opróbrio dos homens e o homem das dores, eu venero a Vossa Face divina, sobre a qual brilhava a beleza e a doçura da divindade que agora se tornou para mim como a de um leproso! Mas sob estas aparências deformadas eu diviso o vosso amor infinito, e morro de desejo de vos amar e de vos fazer amar por cada homem. As lágrimas que brotam do vosso olhar parecem-me graciosas pérolas que me agrada recolher,

a fim de comprar com o seu valor infinito as almas dos pecadores. Ó Jesus cuja Face é a única beleza que arrebatou o meu coração, eu aceito não ver aqui na terra a doçura do vosso olhar, de não sentir o beijo inefável dos vossos lábios: meu Deus, suplico-vos que imprimais em mim a vossa divina semelhança, que me inflameis com o vosso amor para que ele me consuma rapidamente, e eu chegue depressa a ver a vossa Face gloriosa no Céu.

Amen.

Do diário da Beata Maria Pierina De Micheli
 (11 - 19 - 22 de setembro de 1940)

- 11 O inimigo lançou várias vezes por terra as imagens da Sagrada Face.
- 19 Empurrou-me contra a parede e queria que eu promettesse não comunicar mais com o Reverendo Padre... atormentou-me muito na Capela. Jesus, tudo o que quiseres!...
- 22 Chegou o cunho da medalha da Sagrada Face, observei-a em todas as suas partes e impressionou-me tanto, que pensei perder a razão.

DA CRUZ O DOM DA VIDA

Publicamos a homilia da Missa celebrada pelo Padre Luca Di Girolamo, da Ordem dos Servos de Maria, na quinta-feira 26 de abril de 2017, na Capela do Instituto do Espírito Santo em Roma.

A Ressurreição do Senhor – que celebramos neste tempo de 50 dias até ao Pentecostes – está sempre sob o sinal do amor, da alegria e da vida. Terminados os dias de reflexão séria e sóbria próprios da Quaresma, vivemos o tempo mais belo do ano litúrgico caracterizado pela luz.

Precisamente ela deve habitar em nossos corações, para fazer com que estejamos sempre prontos a acolher o Senhor, e isto nos leva a redescobrir-nos com as nossas obscuridades.

Por elas pedimos agora perdão Àquele que não veio para condenar mas para salvar.

No tempo pascal são essencialmente dois os textos do Novo Testamento que ocupam a maior parte das liturgias da palavra das Santas Missas: os Atos dos Apóstolos e o Evangelho de João. Dois textos que no seu conjunto compõem o mosaico que mostra os efeitos da Ressurreição.

Com efeito, os Atos ilustram-nos o início da Igreja antiga que se rege sobre o evento maravilhoso da passagem de Jesus da morte para a vida, o Evangelho de João mostra-nos – primeiro através de algumas representações e depois com a menção do Espírito Santo – a própria consistência da divindade de Jesus e a sua capacidade de efundir os seus dons.

Olhando para o Novo Testamento não nos é dito como aconteceu a redenção, ou seja, de que modo Jesus realizou a passagem do estado de cadáver para a forma humana readquirida, mas – sobretudo os Atos – nos colocam diante dos efeitos que este evento produziu.

Os apóstolos, primeiro aprisionados, são libertados por um anjo, isto é, um mensageiro do poder divino que desfaz as correntes e permite que estes homens continuem a difundir a mensagem de salvação.

Se, com o seu aparecimento, Jesus causa agitação porque é uma pessoa que se impõe com a sua presença sóbria, quase escondida, mas altamente eficaz, a mesma desorientação permanece e a vemos agora na perplexidade das autoridades diante do fato que aconteceu. Mas ao lado desta desorientação encontramos também outro elemento que não devemos subestimar: a escuta. Os apóstolos são conduzidos sem violência por receio de serem lapidados pelos servos. As pessoas de Israel ouvem a mensagem.

Não devemos subestimar este aspecto, porque temos na base um acolhimento recíproco: as pessoas aceitam aquela mensagem que se fez ação de salvação realizada por um

homem em carne e osso.

Isto conduz-nos ao texto do Evangelho: é o capítulo do encontro noturno com Nicodemos no qual Jesus explica a própria identidade: o homem acredita e evita a condenação que não deriva do Filho, mas que se realiza se o homem permanece firme na sua obstinação e na surdez à Palavra.

Depois do discurso específica-se com o tema da luz: ela evidencia as trevas e a obscuridade e, em sentido mais amplo, a malvadez. Tema já presente no Prólogo quando João recorda que



a luz veio ao mundo mas as trevas não a venceram.

Este binômio de aspectos – luz-trevas – não é só de natureza teológica, a ponto de nos desenhar os dois momentos do mistério pascal (Cruz e Ressurreição), mas diz respeito à nossa vivência concreta através de dois níveis.

O primeiro consiste precisamente em acolher esta luz, que é possível porque já somos acolhidos inicialmente por Deus quando nos cria: quem acredita em Deus não é julgado porque já foi aceite por Deus.

Em segundo lugar, o mal é sempre portador de obscuridade, de ambiguidade e de cegueira. Não ver é sinônimo de uma falta: os próprios discípulos por vezes se demonstram assim quando não percebem imediatamente as características do Mestre. Mas é precisamente o Mestre-Luz das nações quem põe em relevo a sua pouquidade, mas contudo sempre com a intenção de recuperar a pessoa e não de a destruir. É o Deus amante da vida e capaz de a doar sempre e a todos os que se dirigem a este Deus, adquirindo a capacidade de realizar o bem e de mostrar que aquele bem é ponto de encontro entre a vontade de Deus, a sua graça e o compromisso do homem.

Só é possível obter isto com uma união contínua com o Senhor, aquela união que é garantia da construção de uma santidade pessoal e comunitária e que a Madre Maria viu. Pierina, assídua e fiel aos compro-

missos da sua consagração religiosa.

Se dedicou toda a sua vida a desvelos contínuos pela Congregação das Filhas da Imaculada Conceição, isso depende unicamente da sua fidelidade ao Senhor, ou seja, fixar a sua Sagrada Face não só com o olhar mas com toda a sua existência, de modo tal que dela recebeu a luz que é guia para cada cristão.

Em relação a esta Sagrada Face que tudo acolhe, a Madre Pierina – fazendo eco ao Evangelho – formula este pensamento: «A vocação é semelhante ao grão de trigo, que se for plantado, adubado, defendido, torna-se plantinha, árvore, refúgio para os pássaros e sombra para os animais». (Consolar Jesus, p. 55). Por isso, para a Madre Maria Pierina vocação é sinônimo de Cruz, ou seja, aquela árvore da qual recebemos o dom da vida.

Isto leva-nos à unidade com Cristo que afunda as raízes no Batismo e que é para nós indicador constante de renovação: todos os que se põem no caminho de Deus se orientam realmente para aquela luz que supera as asprezas do pecado e das tentações, com as quais o Maligno procura desviar-nos; foi precisamente com este terreno que a Madre Pierina se confrontou. Por isso, ela permanece para nós um exemplo que se insere no sulco luminoso que o Senhor nos deixou.



Preghiera autografa di Papa Francesco

" Il tuo volto, Signore, io cerco "

Fà, o Signore, che io possa vederti oggi nei volti
sfigurati,
nei corpi sofferenti di ogni tempo,
nelle persone scartate, emarginate e
schiacchiate dal peso delle loro croci.

Donami, o Signore, di contemplare il Tuo Volto
presente e nascosto
nei volti dei miei fratelli e delle mie sorelle.

Fà, o Signore, che io sia una Tua icona,
la Tua sintonia,
per testimoniare agli uomini del nostro tempo
l'abbraccio del tuo ineffabile amore!

Francisco

Oração autógrafa do Papa Francisco

A tua Face, ó Senhor, eu procuro.
Faz, ó Senhor, com que eu possa ver-te hoje nos rostos
desfigurados,
nos corpos sofredores de todos os tempos,
nas pessoas descartadas, marginalizadas e
esmagadas pelo peso das suas cruces.
Concede-me, Senhor, que eu contemple a Tua Face
presente e escondida
nos rostos dos meus irmãos e das minhas irmãs.
Faz, ó Senhor, com que eu seja um ícone Teu,
o Teu sudário,
para testemunhar aos homens do nosso tempo
o abraço do teu amor inefável!

Francisco

